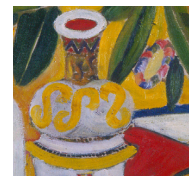


À flor da pele: Uma poesia do inconsciente

Markus A. Hediger

Artigos



Resumo

O autor parte em busca do significado de uma marca de nascença em sua panturrilha, que apresenta a forma do mapa do Brasil, interpretando-o como símbolo e desdobrando seu efeito sobre sua vida. Essa busca o leva a estabelecer reflexões sobre sua vida e seu não-lugar no mundo. Por fim, seguindo os rastros que encontra em sua biografia, é levado a São Brandão, um monge irlandês do século 5. O estudo e a interpretação simbólica da vida desse santo o apresentam a uma poderosa deusa subcutânea, à qual ele, encerrando o texto, dirige uma oração. É um texto poético, não acadêmico, que pretende conduzir o leitor a uma experiência e não ao conhecimento.

Palavras-chave: poesia do inconsciente, incubação, símbolos, São Brandão, espelho da alma

Congresso Travessias

Setembro de 2024

Minha intenção original havia sido falar do corpo como produtor de símbolos. Eu pretendia partir de uma experiência por meio da qual, deitado, eu percebera como um corpo em perfeita imobilidade invariavelmente gera visões. Visões efêmeras que desaparecem assim que a consciência volta sua atenção a elas. Em outras palavras, eu queria falar sobre a antiga prática da incubação, técnica praticada pelos pré-socráticos para viajarem ao submundo, que inspirou Carl Gustav Jung a desenvolver a imaginação ativa, e a qual Peter Kingsley descreve tão perfeitamente em “Os lugares escuros da sabedoria”, livro este que, em breve, será publicado pela Editora Vozes. Durante a incubação, dá-se a estranha sensação de que é o próprio corpo, e não a mente, que me carrega até o mundo dos mortos. É como se o inconsciente estivesse à flor da pele, aguardando apenas o momento

propício para eclodir. O corpo é produtor de símbolos, e a mente apenas sua tela de projeção.

Mas então minha mãe, que sempre me liga quando preciso dela, pegou seu telefone do outro lado do Atlântico e discou meu número.

“Você se lembra da marca de nascença em sua panturrilha? O que aconteceu com ela?”, perguntou mamãe.

A pergunta de minha mãe tocou em uma velha ferida. Como boa enfermeira que é, ela me lembrou de que é preciso cuidar do que dói.

Tentei fugir da pergunta, esquivar-me do confronto, tentei explicar-lhe que minha intenção era falar sobre o corpo como produtor de símbolos, sim, mas não nesse sentido tão literal.

Minha esposa e eu estamos prestes a nos mudar para a Europa. Tento me convencer de que estamos fazendo isso para estarmos mais próximos dos meus pais, que, já bem idosos, precisam que estejamos mais presentes, mas a pergunta de minha mãe tocou numa ferida que põe em xeque a validade dessa justificativa tão cômoda.

Naquela noite, deitei-me cansado e sonhei com um mapa antigo, que me mostrava num lugar que não existia. Um pingo de tinta, uma mancha de pigmentos escuros que a ponta de um pincel tinha deixado numa ilha traçada, numa noite qualquer, pela mão de um navegador dotado de bravura e imprudência.

Quando acordei, não consegui me encontrar.

Era como se a noite tivesse apagado todos os traços meus, todos os riscos deixados em carteiras de escola e mesas de botequins, todas as palavras rabiscadas em cadernos, paredes e praias.

Acordei e não encontrei sinais de mim.

Nasci nos primeiros dias de uma primavera no hemisfério norte, com destino certo. Ao deitar-me nos braços de minha mãe, a parteira do hospital de Schaffhausen, na Suíça, séria lhe disse: “Com uma cabeça desse tamanho, seu filho será papa ou açougueiro”. Minha mãe, uma cristã protestante, respondeu: “Papa meu filho não será”.

Tanta atenção chamava o tamanho de minha cabeça que ninguém deu atenção à marca de nascença na panturrilha direita do recém-nascido. Só dias mais tarde, meu pai, enquanto me dava banho, chamou minha mãe e disse: “Parece o mapa do Brasil”.

E mamãe respondeu: “Ele pode ser açougueiro também no Brasil”.

Minhas tentativas de fuga de um destino inscrito em meu crânio, impulsionadas pelo pavor que eu sentia diante da agonia prolongada dos porcos abatidos no quintal da nossa casa em Campo Alegre de Lourdes, cidadezinha da Bahia que faz fronteira com o Piauí, onde

meus pais trabalhavam como missionários evangélicos, e minha luta diária para sustentar o peso de minha cabeça, ofuscaram por vários anos a mensagem que a mancha em minha pele tentava me trazer.

E quando o corpo conseguiu alcançar as proporções da cabeça e deixou de sofrer com a carga que levava, quando finalmente tive recursos físicos para voltar minha atenção ao mapa do Brasil estampado em minha pele, nunca suspeitei que seu significado pudesse ser outro senão o óbvio: meu lugar neste mundo tinha um nome que me enchia de orgulho: Brasil.

Durante mais de cinco décadas, nunca questionei que o Brasil era o lugar em que eu deveria estar. Nem mesmo nos 15 anos que passei em meu país de origem estudando e trabalhando, acreditei por um segundo sequer que passaria o resto de minha vida naquele pequeno pedaço de terra exprimido entre a Alemanha, a França, a Itália e a Áustria. Afinal de contas, eu trazia na pele a marca do país ao qual pertencia.

Minha terra era o Brasil, mas eu não era brasileiro.

Lembro-me de como, no ensino médio numa escola bilíngue em São Paulo, eu passeava pelo pátio com Andrea, uma colega da Alemanha, que, como eu, havia crescido no Brasil com um passaporte de outro país: sonhávamos com uma ilha no meio do Atlântico capaz de oferecer um lar para nosso coração dividido entre dois continentes.

Sentamo-nos numa mureta ao lado do carrinho de lanches, e contei à Andrea as histórias da minha infância. Durante o dia, eu corria descalço pela caatinga, aquela terra rasgada pela seca. À noite, minha mãe me contava em alemão as histórias do povo de Israel em sua longa caminhada pelo deserto ou a história dos 40 dias que Cristo passou no deserto, quando foi tentado pelo Diabo.

Durante o dia, eu estremecia de medo quando corria o boato de que um pistoleiro tinha aparecido na cidade. Ou arregalava os olhos quando nos visitava a velha fazendeira que, sozinha com uma espingarda, em sua juventude, tinha enfrentado o bando de Lampião que viera roubar o ouro de sua fazenda. À noite, depois do banho, ouvia os contos dos irmãos Grimm que meu pai lia para mim em alemão.

Eu vivia minhas aventuras em terras brasileiras, mas era a língua alemã que as transformava em histórias que eu conseguia entender.

Olhei para Andrea e disse: “Eu queria viver numa ilha no meio do Atlântico, onde tudo em mim falasse a mesma língua: o sol na pele, as cores nos olhos, as loucuras no coração, o juízo na mente”.

Em silêncio, Andrea pegou minha mão e me mostrou que, quando você dá a mão a uma pessoa que ama, os dedos devem se entrelaçar. E então – com os dedos entrelaçados com os meus – ela me contou da Ilha Brasil, ou *Hy Brazil*, ou Ilha de São Brandão, uma ilha flutuante que viajava pelo Atlântico.

Decidimos procurá-la quando nos formássemos. Parecia-nos o destino perfeito para nossos sonhos.

Depois do ensino médio, Andrea foi estudar na Alemanha, e eu voltei para a Suíça. Quando fui visitá-la em Berlim, eu a vi de mãos dadas com um outro alguém. Seus dedos se entrelaçavam. Aproximei a boca do ouvido dela e, ferido, perguntei em voz baixinha: “E a Ilha Brasil, a Ilha de São Brandão?”

“A ilha não existe. São Brandão era um lunático religioso”, respondeu ela e se despediu de mim sem me dar a mão.

Mais tarde, eu soube que o homem que agora Andrea amava era um estudante marxista que sonhava com a revolução no continente e que jamais se contentaria com um paraíso do tamanho de uma ilha.

O pedaço de terra em que procuramos nosso lar neste mundo é um lugar efêmero, um solo que escorre por entre os dedos.

Percebo agora que sempre vivi entre mundos, não só entre o Brasil e a Suíça – como filho de missionários evangélicos, mas também entre a superfície acidentada do planeta Terra e as ruas de ouro no céu.

Digo isso sem ironia e sarcasmo. Para um garoto que, de dia, imaginava um tesouro de ouro escondido numa fazenda no meio do sertão baiano e, de noite, sonhava com o ouro protegido por dragões nas montanhas que se erguem às margens do rio Reno na Alemanha, não existia imagem mais sedutora do que uma Jerusalém celestial, uma cidade feita de ouro cujas ruas refletiam e reproduziam o brilho do Sol.

Percebo agora que meu destino foi determinado não pelo tamanho da minha cabeça, nem por um coração que batia numa terra e uma mente que respirava os ares de outra. O que mais marcou meu destino foi que meu corpo cresceu onde meu espírito não estava.

Estou neste mundo, mas não pertencço a ele.

São Brandão nasceu em 482 d. C. numa pequena cidade irlandesa. Tornou-se monge e fundou vários mosteiros. Pediu que Deus lhe concedesse a graça de encontrar o paraíso perdido e entendeu que, para que lhe fosse concedida tal graça, ele teria de deambular para “outro lugar”, para onde quer que “a ilha prometida aos santos” estivesse. O paraíso não iria até ele.

O relato mais antigo das viagens de São Brandão, um texto redigido no século 8, afirma que 60 homens o acompanharam. Outras fontes mais tardias aumentam ou reduzem esse número, a depender do traço da personalidade de São Brandão que pretendiam destacar.

A viagem de São Brandão pelo mar durou sete anos. Foram sete anos repletos de aventuras, das quais reproduzo aqui apenas algumas.

São Brandão parte da costa irlandesa e viaja em direção oeste durante 15 dias, quando ele e seus homens são empurrados por uma

corrente até um rochedo, onde encontram um palácio com comida e são visitados pelo Diabo. Curiosamente, porém, este não os ataca nem os faz passar por tentações. De lá, continuam por sete meses numa direção não especificada, até encontrarem uma ilha em que abundam os carneiros. Quando fazem uma fogueira para assar um dos animais, a ilha afunda: São Brandão e seus homens descobrem assim que a ilha é um animal gigantesco, que não se importou com o peso dos navegadores, mas não suportou o calor da brasa sobre sua pele. Continuando sua navegação, chegam a uma ilha onde os pássaros que a habitam se revelam anjos caídos. Dali navegam por outros seis meses, encontram uma ilha com um mosteiro, depois ficam presos em uma calmaria de sete meses. Quando os ventos retornam, eles os carregam até uma ilha, onde um pássaro branco os impede de comer peixes venenosos. Passam o Pentecostes sobre um grande monstro marinho, onde permanecem por sete semanas. Em seguida, partem para regiões onde o mar está adormecido e o sangue lhes gela nas veias. Eles são perseguidos por uma serpente marinha que respira fogo. Em resposta a uma oração do santo, surge outro monstro que aniquila a serpente. Em outra ocasião, um dragão os salva de um grifo. Aproximam-se depois de uma costa onde abundam fumaça, chamas e forças maléficas. Um demônio sobrevoa sua embarcação e mergulha no mar. Encontram, no meio desse ambiente, uma ilha com uma montanha coberta por nuvens, onde se encontra a entrada para os infernos – aqui se deparam com Judas em tormento. No dia seguinte, encontram uma ilha com um eremita de barbas brancas, que os encaminha para a Terra Prometida.

De novo, as ilhas voltam a aparecer. Uma está coberta por pradarias e jardins. Noutra, a Ilha da Esmeralda, crescem árvores de fruto e vinhas. São Brandão ruma ao norte. À noite, “arcos luminosos aparecem sobre o veludo azul profundo do céu”. Uma igreja de cristal aparece sobre a superfície das águas. Então, finalmente, encontram a Ilha das Maravilhas, “a terra prometida aos santos”. Tudo aqui é paz e alegria. São Brandão permanece no paraíso 40 dias antes de voltar para sua terra natal.

Quando olhamos mapas antigos, salta-nos aos olhos não só que os continentes da Antiguidade eram diferentes em número, tamanho e forma. Existiam também terras e ilhas que não existem mais. Somos rápidos em chamá-las de imaginárias, produtos da fantasia, pois não aparecem nas imagens de satélite, não podem ser localizadas pelos modernos aparelhos de GPS. Afirmamos então que nunca existiram. Chamamos os navegadores que as avistaram séculos atrás de fabuladores que inventavam a existência de terras povoadas de seres imaginários com riquezas inimagináveis para justificarem suas viagens noturnas pelo mar. Julgamos os missionários que os acompanhavam fanáticos colonizadores, que, sob o pretexto de combater demônios, matavam para conquistar o paraíso.

Apressamo-nos a explicar que a igreja de cristal que São Brandão avista na superfície da água é um iceberg, que os arcos luminosos no céu são a aurora boreal. A ilha dos carneiros é uma das Ilhas Faroé (nome este que, convenientemente, em dinamarquês, significa “ilha dos carneiros” – e tomamos isso como prova suficiente). O inferno é um vulcão da ilha Jan Mayen na Islândia. Chegamos até a suspeitar que os demônios avistados tenham sido ursos polares.

Denunciamos a ignorância dos nossos antepassados, que não dispunham da ciência e do conhecimento modernos, rimos da ingenuidade desses aventureiros desvairados que arriscavam a vida para satisfazer o anseio de seu coração.

Assim, privamo-nos do milagre de entrever num nevoeiro uma ilha protegida por uma cortina de fogo, perdemos a oportunidade de sofrer um naufrágio e sermos salvos por demônios que não conseguem encontrar o caminho de volta para o inferno, não acreditamos mais na possibilidade de beber da mais doce água da vida num oásis no meio do deserto, porque a física nos ensina que, embora a fada Morgana nada mais seja do que uma figura da fantasia, uma história para assustar crianças, ela continua a iludir nossos olhos e assim nos diz: não acredite em histórias!

Empobrece assim a nossa alma. Como era rica a vida de um monge, pois, para ele, tudo que vivenciava lá fora no mundo espelhava a realidade de sua alma. Ele sabia que era absolutamente necessário que a vida externa reproduzisse tudo que ele vivenciava por dentro, pois só assim ele seria capaz de se conhecer e, por meio do conhecimento de si mesmo, conhecer a Deus.

A visita cordial do Diabo ensinou a São Brandão que o mal existe dentro dele, mas que, embora presente, nem sempre precisa se manifestar. Os pássaros-anjos caídos lhe mostraram que, embora caídos, eles continuavam dotados de asas, capazes de voar entre o céu e a terra, e que a única consequência da queda fora uma mudança gramatical, isto é, a substituição do Céu com “c” maiúsculo pelo céu com “c” minúsculo. As lutas entre os monstros lhe revelaram que nem todas as lutas precisam ser travadas pessoalmente, que, às vezes, basta esperar pela aparição de um adversário que esteja à altura de nosso inimigo. E a longa calmaria de sete meses certamente lhe ensinou que não se pode ter pressa para chegar ao paraíso.

O que mais surpreende na história de São Brandão, porém, é que, quando finalmente alcançou o paraíso, a terra da paz e da alegria, ali permaneceu por apenas 40 dias. Investiu sete anos de sua vida para encontrar o paraíso, mas, quando o encontrou, ali ficou apenas pouco mais de um mês. Chama atenção o número de dias, o qual remete ao número de dias pelos quais Cristo permaneceu no deserto sendo tentado por Satanás.

Permito-me a pergunta blasfema: qual teria sido a provação que São Brandão teve de enfrentar no paraíso?

Após todas as aventuras vividas, após todos os perigos enfrentados durante a viagem, São Brandão não soube o que fazer no paraíso. Ele suportou 40 dias de tédio e, decorridos esses 40 dias, voltou para seu mosteiro na Irlanda, onde viveu ainda muitos anos, até morrer aos 93 anos de idade.

Talvez, especula o teólogo em mim, seja necessário passar pelo inferno para que se aprenda a viver no paraíso. Onde há apenas paz e alegria, em que a raiva, o ódio, a astúcia, a bravura e até mesmo o zelo religioso não têm o que fazer. Só o amor suporta paz e alegria. E amor se aprende no inferno. Talvez São Brandão tenha entendido que não existe inferno mais formidável do que um mosteiro e, por isso, voltou para sua abadia. E digo isso sem ironia ou sarcasmo.

Ou, e esta seria uma explicação mais coerente com a narrativa da viagem de São Brandão, ele não se reconheceu no espelho que o paraíso lhe oferecia. Talvez não tenha encontrado em si a alegria e a paz que permeavam o paraíso.

O que transforma um mero cristão em santo é o reconhecimento de que ele não merece o paraíso. São Brandão aceitou seu destino e retornou ao inferno da vida monástica, à cela da noite escura da alma.

Deito-me na escuridão da noite e permaneço imóvel. Enquanto aguardo o corpo impor sua imobilidade também à mente, meus pensamentos voltam para a marca de nascença. Estou mais certo do que nunca de que está na hora de deixar o Brasil.

Alguns anos atrás, a marca de nascença em minha panturrilha começou a mudar de forma. Primeiro, o Brasil transformou-se em Pangeia, em uma massa de terra informe e irreconhecível. Então partiu-se igual a um coração. Ao longo dos últimos anos, os pigmentos se reagruparam em torno dele e lhe deram os contornos de uma mulher: vestido e cabelos longos que esvoaçam ao vento, uma deusa poderosa, cujo braço erguido é o vento que quebra as ondas em alto-mar.

Estremeço, sou tomado de pavor, pois reconheço nela a deusa subcutânea, a força catalizadora sempre à flor da pele, que insiste em me lembrar de que não existe diferença, diferença nenhuma, entre o micro e o macro, entre o dentro e o fora, entre o céu e a terra, entre o que toca o dedo e o que toca o coração.

E, de repente, na imobilidade da noite profunda, sou tomado de pavor dessa deusa implacável que jamais desistirá de me mostrar que o mundo e eu somos um. Chamam-na de deusa do amor, da fertilidade, da beleza, da riqueza, da magia, da guerra, da morte, porque também eu sou êxtase e desespero, abundância e escassez, ingenuidade e manipulação, criação e destruição, medo e amor.

Aceita, diz a escuridão imóvel, e não foge mais. Para onde quer que corras, sempre carregará o mundo em tua pele.

O susto prende minha respiração, o coração para, e naquele segundo de completa imobilidade, vislumbro um mundo em que meu pavor da deusa recua e dá espaço ao temor que outrora se tinha dos deuses.

E então, pouco antes de ser levado pelo corpo paralisado para o mundo daqueles que já não se mexem mais, brotam dos poros da pele palavras como flores de uma oração:

Tua mão me toca por baixo da pele
Com a ponta do dedo escreves histórias, contos, poemas de amor
Na vasta região da hipoderme.
Desde que nasci, rabiskas, esboças, apagas, rediges, escreves
A história da vida que desejas para mim.
Sempre que curvo minha cabeça para rezar a Ti
Cai meu olhar sobre as palavras
Escritas em meu peito, em meus braços, na palma de minhas mãos
E leio.
Leio tudo invertido.
Leio tudo invertido
E vivo a vida ao contrário.
Quando deito e fecho os olhos
Estarreço, a pele arrepia
Em expectativa do seu toque
E do pesadelo que me contarás.
Ouço tudo ao contrário.
Uma vida inteira tentei sair da minha pele,
Uma vida inteira tentei escrever minha história lá fora no mundo
Uma vida inteira tentei me convencer de que sonho não se
tem nem se escreve: Se faz.
Uma vida inteira saí correndo pelo mundo
Achando que estava à procura do sonho da minha vida.
Na verdade, eras Tu à procura de um espelho.
O espelho mostra tudo ao contrário,
O espelho é mundo invertido,

Por isso, quando te vi pela primeira vez,

Não me reconheci.

Apaixonei-me pelo meu contrário

Pela sua pele, pela história que você contava.

Então você pegou a ponta do meu dedo e a colocou sobre sua pele.

“Passeie por ela”, você disse, “decifre-me.

Leia-me de trás para frente,

Encontre as palavras escondidas nas dobras mais secretas da pele.

E chore e estremeça e reconheça em minha pele a história que escrevi para você”.

(Talvez vocês se perguntem: que língua é essa que a deusa usa para nos contar a história da nossa vida? Talvez vocês, como eu, queiram aprender essa língua divina que nos desvela o segredo da existência. Um bom começo é deitar-se, permanecer imóvel, concentrar-se na pele e ficar atento às sensações da pele, pois sempre que o mundo toca nossa pele e nos afeta, há um dedo por baixo da pele que responde ao toque. Ou deem a mão a uma pessoa que amam. Entrelacem os dedos, percebam como suas peles se fundem e confundem. Pois a língua da deusa não é língua, é toque.)

Markus André Hediger é formado em Letras e Teologia pela Universidade de Zurique, Suíça, e mestre em Linguística, também pela Universidade de Zurique. Trabalha como tradutor e palestrante. Traduziu, entre muitas outras obras, os “Livros Negros”, de C. G. Jung. É autor do livro “O universo do peito – O encontro com a alma na imaginação ativa”, publicado pela Editora Vozes.

mhediger@gmail.com